

A TRADUÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO¹

José Manuel da Silva²

RESUMO

As histórias em quadrinhos deixaram de ser mera diversão para crianças e adolescentes. Atualmente, os adultos também consomem o gênero em larga escala. Hoje em dia, as histórias em quadrinhos, em suas diversas formas – tirinhas de jornal e revistas, revistas em quadrinhos e romances gráficos –, vêm sendo cada vez mais usadas em diversas situações: apresentações em congressos e seminários, propaganda, campanhas de utilidade pública, livros didáticos e salas de aula, visto já serem encorajadas pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). A história em quadrinhos tampouco é hoje em dia encontrada somente em papel; com o advento da Web, já existe uma produção específica para este meio. A grande maioria das histórias em quadrinhos consumidas no Brasil vem de países de língua inglesa, e há poucos trabalhos que analisam a qualidade de sua tradução para o português. Assim, o presente trabalho investiga os critérios de avaliação para a tradução das histórias em quadrinhos. Primeiramente, faz-se um relato da literatura disponível sobre histórias em quadrinhos e tradução, com o foco em elementos do gênero quadrinhos, aspectos culturais, humor, mitologia das personagens, procedimentos técnicos de tradução, fidelidade, domesticação e estrangeirização e obstáculos à tradução. A seguir comparam-se o original em inglês do romance gráfico *Superman: For All Seasons* e sua tradução para o português do Brasil, *Superman: As Quatro Estações*, de modo a identificar os itens que devem ser considerados na avaliação de uma tradução de história em quadrinhos. Por fim, apresentam-se as conclusões do trabalho.

Palavras-chave: histórias em quadrinhos. tradução. critérios de avaliação.

ABSTRACT

Comics are no longer mere pastime for children and teenagers; adults also read the genre extensively. Today, comics, in their several forms – newspaper and magazine strips, comic books and graphic novels –, have been increasingly used in several situations: presentations at congresses and seminars, propaganda, public interest campaigns, textbooks and classrooms, especially because they have been acknowledged in the PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais – National Curriculum Parameters/Standards). Comics today are not only found on paper; with the Web, there is already a production targeted to this medium. The majority of comics consumed in Brazil come from English-speaking countries, and there are few studies that analyze the quality of their translation into Portuguese. Thus, this work investigates the evaluation criteria for the translation of comics. Firstly, there is a review of the literature available in the areas of comics and translation, focusing on the elements of the comics genre, cultural aspects, humor, mythology of the characters, technical procedures of translation, fidelity, domestication and foreignization, and obstacles to translation. After that, the English original of the graphic novel *Superman: For All Seasons* and its translation into Brazilian Portuguese, *Superman: As Quatro Estações*, are compared, so as to identify the items that must be considered in the evaluation of a comic book translation. Finally, the conclusions of the research are presented.

Key words: comics. translation. evaluation criteria.

1 Introdução

Parte da vida cotidiana moderna, as histórias em quadrinhos (HQs) são um produto direto da cultura de massas, mais especificamente da cultura jornalística, cujo início remonta à Revolução Industrial no início do século XVIII na Inglaterra. Também chamada de "arte sequencial" por Will Eisner, constitui-se basicamente da interação entre palavra e imagem.

¹ Artigo originalmente apresentado à Central de Cursos de Extensão e Pós-Graduação Lato Sensu da Universidade Gama Filho como requisito parcial para a conclusão do Curso de Pós-Graduação em Tradução de Inglês. Orientadora: Prof^a Dr^a Beatriz Fernandes Caldas.

² Mestre em Linguística e Filologia Românica pela UFRJ, professor de inglês, tradutor e especialista em Educação a Distância pela UFJF e pela PUC-Rio.

E-mail: josemsilvaprof@gmail.com

Hoje em dia, as HQs são publicadas em jornais (tirinhas), em revistas e em livros, as chamadas *graphic novels* ("romances gráficos" ou "novelas gráficas" em português). Consumidas em sua maior parte para a diversão de crianças, adolescentes e adultos, as HQs também são utilizadas em peças publicitárias, apresentações (aulas, seminários, congressos), livros didáticos e até mesmo campanhas de saúde. O *boom* de filmes baseados em personagens de HQs, bem como a chamada "invasão japonesa" dos mangás (HQs, em japonês), vêm trazendo ao grande público a (re)publicação de diversos títulos que, muitas vezes, são utilizados na educação.

Seja por diletantismo ou como ferramenta educacional, é importante saber a quantas anda a qualidade das HQs, principalmente no tocante à tradução, visto que em sua grande maioria vêm de publicações em língua inglesa. Para tanto, é necessário adentrar o universo das HQs, investigar seus elementos (balões, recordatórios, texto, onomatopeias, planos, figuras cinéticas, metáforas visuais) e suas especificidades (o gênero HQ, aspectos culturais, humor, mitologia das personagens), que podem constituir obstáculos à tradução.

Por constituir um gênero específico – muitos autores defendem que as HQs não são um subtipo da literatura –, a tradução das HQs apresenta características próprias e exige, em muitas situações, técnicas particulares para ser realizada. É disso que tratará este trabalho: estabelecer critérios para a avaliação da qualidade da tradução das HQs. Faz-se necessário que estes critérios não sejam subjetivos, sejam claros e ataquem aspectos diretamente relacionados com a forma de arte conhecida como HQ. O escopo do trabalho será majoritariamente o texto das HQs, não se considerando, em princípio, as imagens, exceto nos casos em que sejam imprescindíveis ao entendimento da parte textual.

Segundo André Lefevere (*apud* BRITTO, 2012, p. 40), "as únicas pessoas que podem julgar a qualidade de traduções são aquelas que não precisam delas, já que podem efetivamente ler o original". Não se espera, assim, que o público em geral, particularmente os leitores de HQs, conheça o idioma inglês (material original a ser considerado neste trabalho) e/ou leia as HQs publicadas em português no Brasil constantemente cotejando-as com o original inglês. Por isso, é preciso ter certeza de que as traduções foram bem feitas, principalmente, mas não somente, no caso de serem as HQs utilizadas em sala de aula.

Mas o que é uma boa tradução? Esta é a pergunta que, desde Cícero (*circa* 46 a.C.), vem ocupando os teóricos da tradução e os tradutores propriamente ditos. Ela vai levar diretamente à questão da fidelidade e à questão do original. Todo texto traduzido passa antes pela leitura por parte do tradutor, leitura essa que "contamina" o texto original, por ser este leitor um ser histórica e socialmente diferente do autor do texto original: "todo leitor ou

tradutor não poderá evitar que seu contato com os textos (e com a própria realidade) seja mediado por suas circunstâncias, suas concepções, seu contexto histórico e social" (ARROJO, 1986, p. 38). Sendo assim, Arrojo (1986, p. 40) prossegue:

(...) é impossível resgatar integralmente as intenções e o universo de um autor, exatamente porque essas intenções e esse universo serão sempre, inevitavelmente, nossa visão daquilo que possam ter sido. Além disso, como sugeriu o teórico francês Roland Barthes, qualquer texto, por pertencer à linguagem, pode ser lido sem a "aprovação" de seu autor, que pode apenas "visitar" seu texto, como um "convidado", e não como um pai soberano e controlador dos destinos de sua criação. (...) O autor passa a ser, portanto, mais um elemento que utilizamos para construir uma interpretação coerente do texto.

Evidentemente, por se tratar de um campo de estudos bastante vasto, há divergências quanto a essa questão de fidelidade e de original. É Britto (2012, p. 37) quem esclarece:

A fidelidade absoluta é uma meta perfeitamente válida, ainda que saibamos muito bem que, como todos os absolutos, ela jamais pode ser atingida. O tradutor responsável é aquele que, com os recursos de que dispõe e com as limitações a que não pode escapar, produz um texto que corresponda de modo razoável ao texto original.

Britto (2012, p. 37) vai além ao sustentar que "o tradutor tem a obrigação de se esforçar ao máximo para aproximar-se tanto quanto possível da inatingível meta de fidelidade, e que ele não tem o direito de desviar-se desse caminho por outros motivos".

Divergências à parte, é possível estabelecerem-se critérios que possam apontar para uma tradução satisfatória, contanto que estes critérios sejam bem definidos, fujam o mais possível a qualquer subjetividade, sejam claros, objetivos e tenham como base os elementos principais daquilo que se está traduzindo. No caso das HQs, estes elementos são, basicamente:

- Elementos constituintes das HQs (balões, recordatórios, texto, onomatopeias, planos, figuras cinéticas, metáforas visuais) (cf. VERGUEIRO, 2006);
- O gênero HQ, como interação entre texto e imagem, considerando-se esta interação do ponto de vista da "arte sequencial", como definida por Eisner (1999; 2005);
- Aspectos culturais;
- Humor;
- Mitologia das personagens e do chamado "universo" das HQs, muitas vezes confundido com o "universo" de uma determinada editora (mormente a DC e a Marvel americanas – "universo" DC, "universo" Marvel) ou com o "universo" de um só ou de um grupo de personagens ("universo" do Homem-Aranha, "universo" dos X-men);
- Procedimentos técnicos utilizados, como apontados por Barbosa (2004);
- Recurso à estrangeirização e domesticação, como originalmente sugeridos por Schleiermacher (2005);
- O texto propriamente dito, com os obstáculos à tradução e sua possível resolução.

Para os efeitos deste trabalho, embora no decorrer da análise do *corpus* sejam feitas referências a outros possíveis enfoques, por simplicidade será considerada a visão de Britto (2012, p. 55), que aparece reproduzida a seguir:

Em suma: cabe ao tradutor, dentro dos limites do idioma com que trabalha, e de suas próprias limitações pessoais, produzir na língua-meta um texto que seja tão próximo ao texto-fonte, no que diz respeito às suas principais características enquanto obra literária, que o leitor de sua tradução possa afirmar, sem estar mentindo, que leu o original. Sabemos que, estritamente falando, isso não é verdade; mas não nos devemos preocupar com esse fato. Como já vimos, quando afirmo que li uma obra originariamente redigida numa língua que desconheço, pressupõe-se que eu a tenha lido em tradução e nesses casos presume-se também que ler a tradução é ler o original.

Na citação acima, cabe a ressalva relativa ao que Britto chama de "obra literária". No caso analisado neste trabalho, trata-se de um gênero independente, história em quadrinhos, e não de obras de literatura como entendida tradicionalmente, mas isso em princípio não invalida a posição de Britto sobre a função do tradutor.

Ainda para efeitos deste trabalho, as HQs serão consideradas como um gênero independente, e não vinculadas diretamente a outros gêneros e/ou formas artísticas existentes, pois, como afirma Vergueiro (2006, p. 16-17):

O desenvolvimento das ciências da comunicação e dos estudos culturais, principalmente nas últimas décadas do século XX, fez com que os meios de comunicação passassem a ser encarados de maneira menos apocalíptica, procurando-se analisá-los em sua especificidade e compreender melhor o seu impacto na sociedade. Isto ocorreu com todos os meios de comunicação, como o cinema, o rádio, a televisão, os jornais etc. Inevitavelmente, também as histórias em quadrinhos passaram a ter um novo status, recebendo um pouco mais de atenção das elites intelectuais e passando a ser aceitas como um elemento de destaque do sistema global de comunicação e como uma forma de manifestação artística com características próprias.

As HQs hoje em dia permeiam diversos setores da sociedade, sendo também utilizadas na educação. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) já as reconhecem como gênero a ser utilizado nas disciplinas de Arte e Língua Portuguesa. Diversos livros didáticos e concursos públicos já as utilizam, sem falar dos professores, que, de modo geral, também as utilizam em suas aulas. Além disso, o interesse pelas HQs atualmente, como é fácil perceber, quanto mais não fosse pelo divertimento, é muito grande, o que, de per si, justifica este trabalho, pois, como já foi dito, muitas das HQs publicadas no Brasil provêm de originais em língua inglesa, e é importante saber se estão bem traduzidas.

Desta forma, este trabalho destina-se primordialmente a tradutores e estudantes de tradução, que, mais cedo ou mais tarde, possam vir a se dedicar à tradução deste gênero, mas também a professores, especialmente os de língua materna, segunda língua ou língua estrangeira (neste trabalho, especialmente o português e o inglês) e a todos que venham a se interessar pelo assunto.

Para atingir os objetivos deste trabalho, foi analisada a tradução de uma *graphic novel* originalmente em inglês, *Superman: For All Seasons*, para o português, *Superman: As*

Quatro Estações. Foram analisados diversos elementos do original e da tradução, para se chegar a uma relação de critérios que, sugere-se, precisam ser levados em conta na avaliação da qualidade de uma tradução de HQ do inglês para o português.

Para este trabalho, primeiramente foi realizada uma pesquisa bibliográfica para se levantarem os aspectos envolvidos na criação de HQs, na tradução de modo geral, e nas especificidades da tradução das HQs. A seguir, foi realizada a comparação de itens do original inglês, *Superman: For All Seasons*, e da edição em português brasileiro, *Superman: As Quatro Estações*. A partir desta análise, consideraram-se primordialmente os seguintes aspectos:

- Linguísticos: morfossintaxe (vocabulário, expressões); níveis de fala (formal, informal, gíria); semântica e pragmática; nomes (antropônimos e topônimos);
- Mitológicos (HQs e personagens);
- Culturais.

Na fase seguinte, foram listados os critérios a serem utilizados na tradução de HQs, do inglês para o português. Por fim, aparecem as conclusões do trabalho.

Vale lembrar que o super-herói Superman foi criado por Joe Shuster (desenho) e Jerry Siegel (roteiro) e teve sua primeira aparição na revista Action Comics #1 em 1938, nos Estados Unidos.

2 Análise da Tradução

Aqui serão analisados alguns aspectos da tradução da HQ original em inglês *Superman: For All Seasons* para o português brasileiro, *Superman: As Quatro Estações*. Originalmente foi publicada nos Estados Unidos em 1998, como uma minissérie em quatro edições, formato revista; posteriormente (1999), como é de praxe, as quatro edições foram reunidas em um volume único encadernado, também lançado no Brasil em 2006. A história traz o adolescente Clark Kent vivendo na cidade de Smallville e conta seus primeiros dias como Superman. Cada edição (no encadernado, cada capítulo, por assim dizer) recebeu o nome de uma das estações do ano (daí o título da minissérie): primavera, verão, outono e inverno.

Para tentar atingir os objetivos deste trabalho, serão analisados alguns aspectos da tradução desta HQ: linguísticos, mitológicos e culturais.³

2.1 Aspectos Linguísticos

Um dos possíveis critérios para se verificar a qualidade de uma tradução, e as HQs não são exceção, diz respeito aos aspectos linguísticos envolvidos nesta tradução:

³ As imagens referentes aos trechos analisados aqui estão no Apêndice, ao final do artigo.

morfossintaxe (vocabulário, expressões), níveis de fala (formal, informal, gíria), semântica e pragmática, nomes (antropônimos e topônimos), para citar alguns dos mais importantes.

● Exemplo 1

Jonathan as narrador: Sometimes, when the corn was <i>planted</i> , it <i>shot up</i> too soon. (SUPERMAN, 1999, p. 20)	Jonathan como narrador: Às vezes, quando se <i>planta</i> milho, ele <i>floresce</i> cedo demais. (SUPERMAN, 2006, p. 22)
--	--

No Exemplo 1, nota-se que o tempo verbal⁴ utilizado no original foi o passado (past tense). É interessante observar o aspecto verbal⁵ do original: em *was planted* tem-se a noção de um processo inconcluso, o que em português é melhor expresso pelo pretérito imperfeito; em *shot up* ocorre o mesmo. O narrador está se referindo a como se dava o plantio do milho anteriormente ao momento em que se passa a história. Uma tradução mais apropriada, mantendo a noção de aspecto inconcluso seria *Às vezes, quando se plantava o milho, ele florescia cedo demais*. O tradutor, como se vê, utiliza formas verbais no presente do indicativo, que modulam bastante o sentido do original, tornando o que é descrito como algo geral, que sempre ocorre. Pode parecer desimportante, mas o gênero HQ, a exemplo da literatura e do cinema, também se apoia em detalhes discursivos que contribuem para a caracterização de personagens, cenários e discursos. Daí a necessidade de se tentar manter as modulações discursivas o mais próximas possível do original. Observe-se ainda que o que ocorre no Exemplo 1 repete-se em mais três recordatórios⁶ ao longo da HQ, o que pode demonstrar um padrão por parte do tradutor; no entanto, este fato só ocorre nos recordatórios, não no restante do texto (falas das personagens).

● Exemplo 2

Superman as narrador: I like Perry's rules. They make sense to me. Strike that. They <i>made</i> sense to me. (SUPERMAN, 1999, p. 60)	Superman como narrador: Eu gosto das regras do Perry. Elas fazem sentido. Ou melhor... <i>faziam</i> sentido. (SUPERMAN, 2006, p. 62)
--	--

Em contraste com o Exemplo 1, no Exemplo 2 foi mantida a noção de aspecto inconcluso, ao traduzir *made* por *faziam*. Em termos de paralelismo, a tradução fica um pouco

⁴ **Tempo verbal** ou **nível temporal**: "Assinala a relação temporal do acontecimento comunicado com o momento do tempo de fala; o presente encerra este momento, o passado é anterior, e o futuro ocorrerá depois deste momento." (BECHARA, 2009, p. 212)

⁵ **Aspecto verbal**: "Segundo Jakobson, assinala a ação levada até o fim, isto é, como conclusa (perfeita) ou inconclusa (imperfeita). Certas espécies de ação, como durativa, incoativa (ingressiva), terminativa, iterativa, etc., são apenas subdivisões desta categoria." (BECHARA, 2009, p. 212)

⁶ **Recordatório** ou **legenda**: "A legenda representa a voz onisciente do narrador da história, sendo utilizada para situar o leitor no tempo e no espaço, indicando mudança de localização dos fatos, avanço ou retorno no fluxo temporal, expressões de sentimento ou percepções dos personagens, etc." (VERGUEIRO, 2006, p. 62)

desigual, pois não é mantida a mesma abordagem para casos semelhantes, neste caso do aspecto verbal. Observe-se que no original, *made* está sublinhado, o que, no código das HQs, por tentarem reproduzir a oralidade nas falas⁷, significa uma entonação diferente, mais firme, mais enfática; este detalhe não foi mantido na tradução. Dependendo do uso que se faz da HQ, por exemplo, em sala de aula, os aspectos comentados nos Exemplos 1 e 2 podem fazer diferença.

• Exemplo 3

Martha: BUT, YOU'LL FIND YOUR OWN WAY. YOU ALWAYS HAVE... (SUPERMAN, 1999, p. 95)	Martha: MAS VOCÊ ENCONTROU SEU CAMINHO. COMO SEMPRE. (SUPERMAN, 2006, p. 97)
---	--

No Exemplo 3 vê-se claramente uma tradução inapropriada de *YOU'LL FIND* por *VOCÊ ENCONTROU*, devido à troca do tempo futuro do original pelo tempo passado da tradução. Martha tenta confortar o Superman, dizendo que no futuro as coisas vão melhorar, o que foi invertido na tradução, com menção a uma tranquilidade existencial já existente, mas que, de acordo com o momento da história, ainda não chegou. A esperança vira certeza de um fato já consumado, o que não está retratado na história. Melhor seria traduzir por *MAS VOCÊ VAI ENCONTRAR SEU CAMINHO. COMO SEMPRE.*

• Exemplo 4

Superman as narrator: They are the 'Guardians of the City,' LexCorp's latest attempt to move the spotlight off Superman. (SUPERMAN, 1999, p. 98)	Superman como narrador: Eles são os 'Guardiões da Cidade', a última tentativa da LexCorp para desviar a atenção do Superman. (SUPERMAN, 2006, p. 100)
--	---

Embora possivelmente desfeita pelo contexto, existe ambiguidade na tradução do trecho apresentado no Exemplo 4. Em inglês, a partícula *off* do sintagma *to move the spotlight off Superman* indica claramente que a atenção de todos será retirada do Superman, ou seja, o foco da atenção será retirado dele. Na tradução, *para desviar a atenção do Superman* deixa em aberto a possibilidade da interpretação da ideia original, mas também a de que a atenção do Superman seja desviada para outro ponto. Uma possível solução seria *para desviar das pessoas a atenção do Superman.*

⁷ A linguagem verbal nas histórias em quadrinhos "vai aparecer principalmente para expressar a fala ou pensamento dos personagens (...)" (VERGUEIRO, 2006, p. 55)

• Exemplo 5

Professor Crosby: IT'S INCREDIBLY PERVASIVE. (SUPERMAN, 1999, p. 142)	Professora Crosey: O VÍRUS É INCRIVELMENTE PERVASIVO. (SUPERMAN, 2006, p. 144)
--	---

Às vezes, por motivos diversos, as HQs traduzidas para o português brasileiro introduzem neologismos de língua inglesa. Tais neologismos⁸ podem estar ligados a armas, equipamentos, terminologia espacial e atividades inerentes às personagens, mas em diversas ocasiões são traduções diretas do inglês, numa tentativa de estrangeirização que nem sempre funciona, seja em vocábulos ou fraseologias. É daí que vem *bastardo* como tradução de *bastard*, não de todo errada, mas que quase sempre seria melhor traduzido por *safado*, *calhorda*, ou mesmo *filho da mãe*; o mesmo para *devastado*, como tradução de *devastated*, sentimento que seria melhor traduzido por *arrasado*; e o mesmo para *vou fazer o meu melhor*, como tradução de *I'll do my best*, quando a fraseologia do português pediria algo mais próximo de *vou fazer o melhor que puder*, ou *vou dar o melhor de mim*. O Exemplo 5 ilustra uma destas situações, desta vez não tão feliz. O vocábulo *pervasivo* não existe (ainda) em português. A ideia do original é algo como "facilmente disseminado", um vírus bastante virulento (embora redundante, é esta a fraseologia utilizada entre os biólogos). Alternativas possíveis seriam *difundido* ou *penetrante*, mas no caso em pauta, em se tratando de vírus e se considerando a história, uma boa tradução seria *O VÍRUS É INCRIVELMENTE PERIGOSO*. A troca de Crosby por Crosey provavelmente se deve a um erro de digitação e posterior revisão.

• Exemplo 6

Superman as narrator: Even under the <i>coat</i> , that big red 'S' stood out. (SUPERMAN, 1999, p. 182)	Superman como narrador: Mesmo debaixo do <i>cansaço</i> , o 'S' se destacava. (SUPERMAN, 2006, p. 184)
--	---

Não há uma explicação plausível para a tradução de *coat* por *cansaço* no Exemplo 6. Provavelmente um erro de revisão, mas que pode trazer problemas ao se utilizar a HQ em situações escolares, por exemplo, pois *cansaço* aqui não faz o menor sentido na história; o Superman está falando do S de seu uniforme, que não fica escondido sob o sobretudo, ou

⁸ Neologismo aqui é entendido como o elemento resultante, a nova palavra resultante do processo de criação lexical a que se dá o nome de neologia. (ALVES, 1990, p. 5) "O neologismo pode ser formado por mecanismos oriundos da própria língua, os processos autóctones, ou por itens léxicos provenientes de outros sistemas linguísticos. Na língua portuguesa, os dois recursos têm sido amplamente empregados, diacrônica e sincronicamente." (ALVES, 1990, p. 5)

casaco, que está usando. Assim, uma tradução plausível seria *MESMO DEBAIXO DO SOBRETUO, O "S" SE DESTACAVA*.

• **Exemplo 7**

Lois: MY HAIR! MY SHOES! MY GOD! (SUPERMAN, 1999, p. 83)	Lois: OH... MEU... DEUS! (SUPERMAN, 2006, p. 85)
---	--

O Exemplo 7 ilustra um caso do que se poderia chamar de adaptação. Para Barbosa (2004, p. 76), adaptação "é o limite extremo da tradução: aplica-se em casos onde a situação toda a que se refere o TLO [texto da língua de origem] não existe na realidade extralinguística dos falantes da LT [língua de tradução]. Esta situação pode ser recriada por uma outra equivalente na realidade extralinguística da LT." Não é o que se encontra no Exemplo 7, uma vez que o texto da língua de origem não configura o "limite extremo" de que fala a autora. O que se pode postular como adaptação aqui é uma reescritura do texto original, variando de um limite inferior (poucas alterações no texto) a um limite superior (muitas alterações, mas próximo do caso que cita a autora). Se isto for aceito, o Exemplo 7 trata de uma reescritura do original na língua de chegada, na verdade com a retirada de alguns vocábulos. O Superman está voando com Lois Lane, e ela está preocupada com o cabelo (que está sendo desarrumado), com os sapatos (que estão quase caindo), e finalmente apela a Deus. A tradução só manteve o final, perdendo assim parte importante da caracterização da personagem, sempre preocupada com sua aparência. É importante ressaltar que não se trata aqui da omissão, como definida por Barbosa (2004)⁹.

2.2 Aspectos Mitológicos

O termo *mitologia* nas histórias em quadrinhos é empregado primordialmente para se referir a tudo que está relacionado com um determinado personagem ou grupo de personagens. Envolve seu nascimento, sua vida, seus romances, suas lutas, suas viagens, suas transformações, sua vestimenta, suas atitudes, suas características, sua descendência, seus amigos, e até mesmo seu modo de falar e agir, além de todas as fases por que passa ao longo das histórias. Assim, na mitologia do Superman, por exemplo, exceto em histórias que propositalmente modifiquem suas características, ele sempre será bom, "do bem". Não faz

⁹ Não se está utilizando aqui o termo omissão com o significado que lhe dá Barbosa (2004, p. 68): "omitir elementos do TLO [texto da língua de origem] que, do ponto de vista da LT, são desnecessários ou excessivamente repetitivos." Omissão aqui significa tão-somente a retirada indiscriminada de vocábulos, por opção do tradutor.

parte da mitologia do Superman cometer crimes, fazer o mal, agir de modo errado, ou se associar com marginais. Dentro de sua mitologia, sua "base de operações" é a Terra. Por fim, kryptonita, Krypton, Lois Lane, o S de seu uniforme, voar e visão de raio X estão associados à mitologia desta personagem. Outro termo comum é *universo*; pode-se dizer, por exemplo, que Lois Lane é uma personagem associada ao universo do Superman. Este termo também abrange por vezes as editoras que publicam as histórias de uma personagem ou de um grupo de personagens. Daí falar-se em *universo DC* e *universo Marvel*, as duas maiores editoras estadunidenses de HQs.

O tradutor de HQs precisa estar muito atento a isso, para que se possa manter a coerência em relação à personagem. No caso de uma editora, os fãs da personagem reclamarão violentamente se notarem discrepâncias nesse aspecto. É preciso também estar a par das transformações por que passa a personagem, para não incorrer em erros, pois determinados fatos ocorrem numa fase (ou num universo paralelo) e não em outra.

Aqui serão examinados alguns exemplos relativos à mitologia do Superman.

• Exemplo 8

Title: <i>Superman</i> – For All Seasons (SUPERMAN, 1999)	Título: <i>Superman</i> – As Quatro Estações (SUPERMAN, 2006)
--	--

Quando se acompanha o desenvolvimento de personagens de HQs que já estão há muito tempo no mercado, pode-se notar em alguns casos que, nos originais, eles são referidos com mais de um nome: Batman, por exemplo, também é conhecido como Dark Knight; em português, as traduções oscilaram entre Homem-Morcego, Cavaleiro das Trevas e Batman, em inglês mesmo. Acontecimento similar ocorreu com as traduções do Superman original: no Brasil oscilaram entre Super-Homem e Superman. Aparentemente, nos últimos tempos parece dar-se preferência aos nomes em inglês. O mesmo ocorre com epítetos. O Spiderman em inglês também foi conhecido como Friendly Neighborhood Spiderman; no Brasil, o nome quase sempre foi traduzido como Homem-Aranha, mas o epíteto em geral é O Amigão da Vizinhança. Nessa área, o tradutor não pode errar, pois a mitologia do herói não admite variações. No caso do Homem-Aranha, por exemplo, não pode ser O Amigo da Vizinhança, O Amiguinho do Bairro.

No caso do Exemplo 8, a personagem atualmente é conhecida, mesmo em português, no Brasil, como Superman; daí o título da tradução ser o mesmo, Superman. Traduzir por

Super-Homem constituiria falta grave em relação ao universo da personagem, o que certamente irritaria os fãs da personagem.

• Exemplo 9

Back cover: Before the legend... Before the icon... Before the Man of Tomorrow ... (SUPERMAN, 1999)	Última capa: Antes da lenda... Antes do ícone... antes do Homem de Aço ... (SUPERMAN, 2006)
---	---

Em inglês, o Superman é conhecido como The Man of Tomorrow ou como The Man of Steel; em português, os dois epítetos são usados: O Homem do Amanhã e O Homem de Aço, com preferência quase exclusiva pelo último. Daí a referência na última capa da edição considerada neste trabalho ter sido Homem de Aço (Exemplo 9).

• Exemplo 10

(a) Background (signs): SMALLVILLE GENERAL STORE / KANSAS NATIONAL BANK / POLICE / OPEN (SUPERMAN, 1999, p. 21)	(a) Fundo (cartazes): SMALLVILLE GENERAL STORE / KANSAS NATIONAL BANK / POLICE / OPEN (SUPERMAN, 1999, p. 23)
(b) On top of the building: DAILY PLANET (SUPERMAN, 1999, p. 51)	(b) No topo do edifício: DAILY PLANET (SUPERMAN, 2006, p. 53)
(c) Lana: YOU BETCHA. WE'RE PROBABLY THE ONLY TOWN IN KANSAS THAT GETS <i>THE DAILY PLANET</i> EVERY MORNING AT THE GENERAL STORE. (SUPERMAN, 1999, p. 92)	(c) Lana: CLARO. SOMOS A ÚNICA CIDADE DO KANSAS QUE RECEBE O PLANETA DIÁRIO TODAS AS MANHÃS NO ARMAZÉM. (SUPERMAN, 2006, p. 94)
(d) Newspaper: DAILY PLANET / Headline: "HE'S MY ANGEL" (SUPERMAN, 1999, p. 105)	(d) Jornal: PLANETA DIÁRIO / Manchete: "ELE É MEU ANJO!" (SUPERMAN, 2006, p. 107)
(e) Several signs: WELCOME TO METROPOLIS [HOME OF] SUPERMAN / YOU ARE NOW LEAVING METROPOLIS – HOME OF [SUPERMAN] / DAILY PLANET – "HE IS MY ANGEL" / DAILY PLANET – A NEW HERO / DAILY PLANET – SUPERMAN / DAILY PLANET – MAN OF STEEL (SUPERMAN, 1999, p. 106)	(e) Diversos cartazes: BEM-VINDO METRÓPOLIS – [LAR DO] SUPERMAN / VOCÊ ESTÁ DEIXANDO METRÓPOLIS – LAR DO [SUPERMAN] / PLANETA DIÁRIO – ELE É MEU ANJO / PLANETA DIÁRIO – UM NOVO HERÓI / PLANETA DIÁRIO – SUPERMAN / PLANETA DIÁRIO – HOMEM DE AÇO (SUPERMAN, 2006, p. 108)

O Exemplo 10 aponta um fato corriqueiro na tradução das HQs: textos escritos no fundo da imagem. Primeiramente, é preciso esclarecer um detalhe técnico: dentro das editoras, quando da tradução de uma HQ, existe a figura do tradutor (que pode ser um *free lancer*), que evidentemente traduz tudo que for texto (cartazes, balões, fundo em geral); existem também profissionais que tratam as imagens (nem sempre) e as letras (letreiradores). Em tese, sai mais barato não se traduzir o fundo, traduzindo-se somente recordatórios e balões, pois tratar as imagens é trabalhoso e conseqüentemente mais caro. Não existe uma praxe estabelecida, mas, em princípio, editoras mais conceituadas tendem a traduzir o que está no fundo, embora mais frequentemente em edições especiais, como seria de se esperar na HQ aqui analisada. Tal não ocorreu. Como se pode ver no Exemplo 10, o fundo foi traduzido ora

sim ora não (mais exemplos são encontrados nas páginas 109-112 do original, correspondentes às páginas 111-114 da edição traduzida). Analisando-se todo o livro, pode-se supor que o fundo foi traduzido sempre que necessário ao entendimento, e não traduzido quando menos essencial. Esta não é uma prática muito bem-vinda, pois torna a edição fragmentada, na medida em que ora deixam-se textos no original, ora se os traduzem. Os exemplos da página 106 (edição original) e da página 108 (edição traduzida), traduzidos, coexistem na edição traduzida com diversos outros que não foram traduzidos, configurando uma mistura de idiomas não muito justificável e aprazível; afinal, se na mesma página foi gasto tempo para traduzir alguns trechos, o mesmo poderia ter sido feito, para maior harmonia, no restante. A explicação possível da economia é válida, mas não se justifica muito, pois o preço dessas edições já é sensivelmente mais elevado do que o preço das revistas comuns.

Note-se ainda no Exemplo 10 que, quando foram traduzidos termos que mantêm relação direta com a mitologia da personagem, eles o foram corretamente: Daily Planet para Planeta Diário (o conhecido jornal onde trabalha Clark Kent) e Man of Steel para Homem de Aço; foi deixado no original Superman, o que está de acordo com o uso atual.

• Exemplo 11

(a) Lana: DO YOU THINK THERE REALLY IS A "LEX LUTHOR," CLARK? (SUPERMAN, 1999, p. 23)	(a) Lana: SERÁ QUE LEX EXISTE MESMO? (SUPERMAN, 2006, p. 25)
(b) Martha: JONATHAN. HE'S BEEN STANDING OUT THERE. (SUPERMAN, 1999, p. 27)	(b) Martha: ELE ESTÁ ALI PARADO, JON. (SUPERMAN, 2006, p. 29)
(c) Soldier: WAY TO GO, SUPERMAN! (SUPERMAN, 1999, p. 77)	(c) Soldado: É ISSO AÍ, SUPER! (SUPERMAN, 2006, p. 79)

Nomes, reduções e apelidos são usados, evidentemente, nos originais das HQs. No entanto, para que a mitologia das personagens seja mantida coerente, supõe-se ser preciso respeitar o que os criadores originais estabeleceram. Não se trata aqui de uma mera questão de fidelidade ao original, mas de utilizar a forma de tratamento apropriada ao contexto original; caso contrário, trata-se de uma adaptação mais flexível, o que não se espera de uma tradução de HQ. Os casos retratados no Exemplo 11 são emblemáticos: embora por vezes Lex Luthor seja chamado de Lex e Jonathan de Jon, isso somente ocorre em situações mais íntimas das personagens, o que não é o caso nos trechos aqui apresentados. Na tradução, mudou-se bastante o contexto. Para Lana, Lex Luthor é Lex Luthor, considerando-se que é uma figura do universo do Superman que ela não conhece pessoalmente; todos o tratam com respeito e, acima de tudo, medo. No caso de Martha, mulher de Jonathan, um casal do sul dos Estados

Unidos nos anos 1950 aproximadamente, em situações mais sérias como a que está descrita no Exemplo 11, ela o chamaria pelo nome, sem reduções. O caso de Super é ainda mais complexo. Super é como o Superman é conhecido entre os fãs, não necessariamente nas revistas, embora isso ocorra às vezes.

O uso indevido de reduções e apelidos, ainda que possam ocorrer no universo original da personagem, cria intimidade e proximidade que nem sempre estão adequadas ao contexto descrito no momento da história. O mesmo valeria para tratamentos mais formais, quando fosse o caso de mais alto nível de informalidade.

2.3 Aspectos Culturais

Em quase toda HQ existe algum nível de adaptação¹⁰; nem tudo que está no original pode ser traduzido palavra por palavra ou mesmo literalmente. Ainda que se procure – e há divergências entre os estudiosos da tradução neste ponto – chegar o mais próximo possível das ideias, fatos, costumes e linguagem do original, isso nem sempre é possível. Aqui também entra em cena a questão da domesticação *versus* estrangeirização: "ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro" – aqui se define o que se entende por estrangeirização, "ou bem deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro" – aqui a definição de domesticação. (SCHLEIRMACHER, 2005, p. 8-9).

A seguir estão alguns comentários a respeito de como foram considerados alguns aspectos culturais na tradução da HQ em tela.

● Exemplo 12

Back cover: (...) This book is a milestone in the Superman canon. (SUPERMAN, 1999)	Última capa: (...) Esta revista é um marco no legado do Superman. (SUPERMAN, 2006)
--	--

Embora a passagem reproduzida no Exemplo 12 seja trecho de uma crítica à HQ, feita por Miles Millar e Alfred Gough, criadores e produtores executivos da série de TV Smallville, baseada no Superman, como ela aparece na edição aqui utilizada, é passível de ser incluída nesta análise.

O termo usado no original, *book*, na verdade é uma redução de *comic book*, cuja tradução mais próxima é *revista em quadrinhos*. Na cultura estadunidense, matriz do universo do Superman, desde criança o termo *comic book* é identificado como aquela revista vendida

¹⁰ Cf. discussão sobre este termo na análise do Exemplo 7.

em bancas de jornais, muitas vezes de super-heróis, criticada ou defendida ao longo da História, ou seja, é um termo culturalmente identificável e vinculada à vida nos EUA. O mesmo aqui no Brasil para *revista em quadrinhos*, *revista* ou *revistinha*, ou *gibi*. A tradução, apropriadamente, fez a correspondência correta entre culturas, mas é preciso atentar para o fato de que, neste caso específico, isso foi possível, por ser material cultural existente nos dois países, com termos específicos em ambos, o que permite a correspondência. Vamos confiar na experiência do tradutor e supor que esta interpretação condiz com a verdade.

Poderíamos seguir outra linha de interpretação e o resultado seria bem diferente. Se o autor da crítica se referisse ao produto final que reúne as edições originalmente publicadas em formato revista, ou seja, ao encadernado, o termo *book* então faria referência a *livro* mesmo, que é como deveria ter sido traduzido.

• Exemplo 13

<p>Lex Luthor as narrator: SOME PEOPLE LIKE TO REFER TO THIS TIME OF YEAR AS "AUTUMN." I PREFER "FALL." (SUPERMAN, 1999, p. 123)</p>	<p>Lex Luthor como narrador: ALGUNS CHAMAM ESTA ÉPOCA DO ANO DE "OUTONO". EU PREFIRO... "QUEDA DA FOLHAGEM". (SUPERMAN, 2006, p. 125)</p>
---	--

O Exemplo 13 aponta um daqueles casos em que é difícil fazer uma correspondência perfeita, aqui por um interdito da própria língua, neste caso o português. Em inglês existem duas formas intercambiáveis para uma determinada época do ano, *autumn* e *fall*, sendo que no português só existe uma: *outono*. O tradutor aqui optou por uma adaptação que levasse em conta um fato inegável que ocorre nesta época: a queda das folhas das árvores. Por coincidência, tal fato ocorre tanto nos EUA quanto no Brasil; destarte, ainda que o português não tenha um termo específico para alternar com *outono*, há coincidências durante esta estação do ano, uma das quais foi utilizada aqui.

• Exemplo 14

<p>Narrator: HE FIGHTS FOR TRUTH, JUSTICE, AND THE AMERICAN WAY! (SUPERMAN, 1999, p. 124)</p>	<p>Narrador: ELE LUTA PELA VERDADE, PELA JUSTIÇA E PELA LIBERDADE! (SUPERMAN, 2006, p. 126)</p>
--	--

A expressão *American Way of Life* foi utilizada nos EUA e no restante do mundo depois da Primeira Guerra Mundial para propagar o estilo de vida norte-americano durante a Guerra Fria, sempre valorizando o capitalismo ao mesmo tempo em que depreciava o socialismo. Diversos países, simpatizantes dos EUA e de seu modo de vida, consumista e próspero, adotaram a expressão, seja no original em inglês seja em tradução. No Brasil, o

termo consolidou-se como *estilo de vida americano* ou *modo de vida americano*. A tradução do trecho do Exmplo 14 passou ao largo desta menção à cultura americana daquela época, preferindo adotar o *motto* do Superman, qual seja o de lutar pela verdade, pela justiça e pela liberdade. Ainda aqui teria sido possível estabelecer uma correspondência cultural, visto que o modo de vida aludido também foi imitado no Brasil e recebeu termo específico.

• Exemplo 15

(a) Clark: PA! (SUPERMAN, 1999, p. 11)	(a) Clark: PAI! (SUPERMAN, 2006, p. 13)
(b) Clark: MA SAYS IT'S GETTING TO BE TIME FOR SUPPER. (SUPERMAN, 1999, p. 12)	(b) Clark: O JANTAR ESTÁ PRONTO, PAI. (SUPERMAN, 2006, p. 14)
(c) Clark: PA! MA! (SUPERMAN, 1999, p. 38)	(c) Clark: PAI! MÃE! (SUPERMAN, 2006, p. 40)

No sul e/ou no interior dos EUA, *pa* e *ma* são termos afetivos usados, respectivamente, para *pai* e *mãe*. Esta é uma característica daquelas regiões, embora não totalmente exclusiva. Em outros lugares, utiliza-se *dad* e *mom* (termos mais informais) e *father* e *mother* (termos mais formais). Em qualquer lugar dos Estados Unidos este fato linguístico é conhecido. No Brasil, mais afetivamente são usados os termos *papai* e *mamãe*, sendo *pai* e *mãe* ligeiramente mais formais. A opção do tradutor no Exemplo 15 foi por *pai* e *mãe*, o que não traz prejuízo à tradução, visto que são termos em alguns casos intercambiáveis com *papai* e *mamãe*, embora não tragam uma diferenciação cultural como acontece no original.

2.4 Critérios de Avaliação

Os critérios para avaliação da tradução de uma história em quadrinhos que foram apontados aqui foram linguísticos (ver 2.1), mitológicos (ver 2.2) e culturais (ver 2.3). Como este é um trabalho inicial sobre o tema, outros critérios poderiam – e deveriam – ser levados em consideração, mas, para um estudo inicial, estes são suficientes.

Evidentemente, um estudo aprofundado sobre esse assunto exigiria muito mais tempo e espaço, do que não se dispôs aqui. Seria necessário analisar mais exemplos da mesma HQ analisada aqui, além de mais histórias em quadrinhos, talvez enfocando outros aspectos que poderiam servir de critérios de avaliação. Em relação ao que foi analisado aqui, pode-se montar a Tabela 1 a seguir:

Tabela 1 – Critérios de Avaliação

Aspectos Linguísticos		Aspectos Mitológicos		Aspectos Culturais	
Exemplo	Avaliação	Exemplo	Avaliação	Exemplo	Avaliação
1	não atende	8	atende	12	atende
2	atende	9	atende	13	atende
3	não atende	10	não atende	14	não atende
4	não atende	11	não atende	15	atende
5	não atende				
6	não atende				
7	não atende				

Percebe-se pela Tabela 1 que o critério linguístico foi o menos satisfatório em termos majoritários. Os aspectos mitológicos foram parcialmente satisfatórios e os aspectos culturais foram satisfatórios em sua maioria. Ainda que fossem necessários mais dados, conforme já mencionado, pela experiência do autor deste trabalho, este é um resultado bastante coerente com as histórias em quadrinhos disponíveis no mercado, seja em qual formato aparecerem: tirinhas de jornal, revistas em quadrinhos ou romances gráficos.

3 Conclusão

Não é fácil avaliar uma tradução, até porque tal avaliação depende do que se considera tradução. Está fora do escopo deste trabalho enveredar pelas diversas teorias da tradução, mas é válido lembrar que o caminho trilhado por um tradutor em muitos casos depende do que ele considera tradução e conseqüentemente do que ele considera lícito ou ilícito durante o processo tradutório.

Dentro deste questionamento entram ainda duas questões que vêm sendo objeto de discussão na área: original e fidelidade. Para Arrojo (1996, p. 22-23), "(...) traduzir não pode ser meramente o transporte, ou a transferência, de significados estáveis de uma língua para outra, porque o próprio significado de uma palavra, ou de um texto, na língua de partida, somente poderá ser determinado, provisoriamente, através de uma leitura". A mesma autora continua, abordando o conceito de fidelidade: "O texto, como o signo, deixa de ser a representação 'fiel' de um objeto estável que possa existir fora do labirinto infinito da linguagem e passa a ser uma máquina de significados em potencial". (ARROJO, 1996, p. 23) Daí sua sugestão do "texto *palimpsesto*", um "(...) texto que se apaga, em cada comunidade

cultural e em cada época, para dar lugar a outra escritura (ou interpretação, ou leitura, ou tradução) do 'mesmo' texto". (ARROJO, 1996, p. 23)

Eco (2006, p. 8) apresenta uma abordagem interessante para a tradução, com implicações profundas para o ato de traduzir: "jamais se diz a mesma coisa, pode-se dizer *quase* a mesma coisa"¹¹. [tradução nossa] Por conta desta afirmação, o autor prossegue: "Dizer quase a mesma coisa é um procedimento que se coloca, como veremos, no contexto da *negociação*"¹². (ECO, 2006, p. 9) [tradução nossa] Pode ser isso que postula Aubert (1994, p. 46):

Talvez mais comum seja a solução intermediária, isto é, aquela em que certos elementos referenciais do texto de partida são mantidos relativamente intactos enquanto que outros são substituídos, em favor de componentes do referencial de chegada, gerando uma aproximação e uma facilitação da leitura do texto traduzido.

Buscar ou não a fidelidade? Existe tal fidelidade em tradução? Britto (2012, p. 18-19) parece achar que sim: "Traduzir – principalmente traduzir um texto de valor literário – nada tem de mecânico: é um trabalho *criativo*. O tradutor não é necessariamente um traidor; e não é verdade que as traduções ou bem são belas ou bem são fiéis; beleza e fidelidade são perfeitamente compatíveis." É Britto (2012, p. 37) ainda quem afirma que "a fidelidade absoluta é uma meta perfeitamente válida, ainda que saibamos muito bem que, como todos os absolutos, ela jamais pode ser atingida". Essas ideias ficam bem resumidas com Aubert (1994, p. 77):

(...) não houvesse a *tentativa* da fidelidade, a busca sistemática e obstinada de atinar – ainda que em vão – com o que o autor original "quis dizer" e de encontrar meios de expressão para essa intenção comunicativa suposta, também não haveria tradução, diálogo, intertextualidade, intersubjetividade, mas, tão-somente, discursos diversos, cruzados, desconexos, mutuamente incompatíveis.

Por tudo isso, a ideia norteadora neste trabalho foi a mesma proposta por John Holmes, que "propôs que se parasse de falar em *equivalência* entre original e tradução, e em vez disso se utilizasse *correspondência*, um termo bem mais modesto e realista" (BRITTO, 2012, p. 19), concordando-se, no entanto, com Aubert (1994, p. 81): "Há evidentemente, desvios admissíveis e inadmissíveis".

Seja como for, para se avaliar ou julgar uma tradução das histórias em quadrinhos, são necessários critérios de avaliação. Este trabalho propõe três critérios para avaliação da tradução de HQs: linguísticos, mitológicos e culturais. Por ser um trabalho introdutório, a lista de critérios nem de longe provavelmente é o que deveria ser. Além disso, em estudos futuros

¹¹ (...) on ne dit jamais la même chose, on peut dire *presque* la même chose.

¹² Dire presque na même chose est un procédé qui se pose, nous le verrons, sous l'enseigne de la *négociation*.

e mais aprofundados, será interessante criar subcritérios para os critérios aqui apontados, de modo que se possa ter uma avaliação da tradução o mais isenta possível de subjetividade.

A análise realizada no Capítulo 2 tentou trazer exemplos dos livros escolhidos, bem como uma primeira possibilidade de análise da tradução, segundo os critérios iniciais aqui propostos. É preciso enfatizar que a análise não considerou uma fidelidade absoluta ao original, mas sim a abordagem norteadora deste trabalho, segundo a qual o leitor da tradução "possa afirmar, sem estar mentindo, que leu o original". (BRITTO, 2012, p. 55) Ainda que utilizando uma certa flexibilidade na análise da tradução da HQ considerada, foi verificado (ver 2.4) que, em princípio, os critérios linguísticos são aqueles que mais deixam a desejar, ressalvando-se o reduzido universo de itens analisados, não só dentro da própria HQ considerada, mas também com relação a outras HQs disponíveis no mercado, devido às restrições de tempo e espaço impostas a este trabalho.

O aprofundamento do tema deste trabalho é importante, não só para aquilatar a qualidade das traduções de HQ no Brasil, mas também para auxiliar professores que porventura venham a empregar as HQs em sala de aula, emprego que vem crescendo na educação, como, aliás, recomendam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) [destaques nossos]:

Os conteúdos dos temas transversais, assim como as práticas pedagógicas organizadas em função da sua aprendizagem, podem contextualizar significativamente a aprendizagem da língua, fazendo com que o trabalho dos alunos reverte em produções de interesse do convívio escolar e da comunidade. Há inúmeras situações possíveis: produção e distribuição de livros, jornais ou *quadrinhos*, veiculando informações sobre os temas estudados (...) (BRASIL-a, 1997, p. 37)

Na biblioteca escolar é necessário que sejam colocados à disposição dos alunos textos dos mais variados gêneros, respeitados os seus portadores: livros de contos, romances, poesia, enciclopédias, dicionários, jornais, revistas (infantis, em *quadrinhos*, de palavras cruzadas e outros jogos) (...) (BRASIL-a, 1997, p. 61)

Conhecimento e competência de leitura das formas visuais em diversos meios de comunicação da imagem: fotografia, cartaz, televisão, vídeo, *histórias em quadrinhos*, telas de computador, publicações, publicidade, design, desenho animado etc. (BRASIL-b, 1998, p. 67)

Espera-se que este trabalho sirva de estímulo a futuros trabalhos, mais aprofundados, mais elaborados e com mais vasto universo de pesquisa, que possam ser úteis a professores e alunos, de tradução ou de outras áreas, bem como a qualquer pessoa que veja nas histórias em quadrinhos uma forma de entretenimento ou de educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: Criação lexical**. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- ARROJO, Rosemary. **Oficina de Tradução**. São Paulo: Ed. Ática, 1986.
- AUBERT, Francis Henrik. **As (in) fidelidades da tradução**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.
- BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos Técnicos da Tradução**. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BRASIL-a. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. (1^a a 4^a séries). Língua Portuguesa. Vol. 2. Brasília: 1997.
- BRASIL-b. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. (5^a a 8^a séries). Arte. Brasília: 1998.
- BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- ECO, Umberto. **Dire presque la même chose: Expériences de traduction**. Paris: Éditions Grasset & Fasquelle, 2006.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte seqüencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. **Narrativas gráficas**. São Paulo: Devir, 2005.
- GAIARSA, José A. Desde a Pré-História até McLuhan. In: MOYA, Álvaro de. **Shazam!** São Paulo: Perspectiva, 1977.
- MOYA, Álvaro de. Era uma Vez um Menino Amarelo. In: MOYA, Álvaro de. **Shazam!** São Paulo: Perspectiva, 1977.
- OUSTINOFF, Michaël. **La traduction**. Paris: Presses Universitaires de France, 2003.
- RAHDE, Maria Beatriz. **Origens e Evolução da história em quadrinhos**. In: Revista Famecos, n° 5, Porto Alegre, 1996.
- RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich E. D. **Sobre os diferentes métodos de traduzir**. Tradução de Celso R. Braidá, UFSC. Florianópolis, SC: Rocca Brayde Edições, 2005. Versão digital.
- SUPERMAN – **For All Seasons**. Roteiro de Jeph Loeb; arte de Tim Sale. New York: DC Comics, 1999.

SUPERMAN – As Quatro Estações. Tradução de Mario Luiz C. Barroso; adaptação de Helcio de Carvalho. Coleção Grandes Clássicos DC. São Paulo: Panini, 2006.

VEGA, Miguel Ángel. (ed.) **Textos Clásicos de Teoría de la Traducción.** Madrid: Cátedra, 1994.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. (orgs.) **Muito além dos quadrinhos: Análises e reflexões sobre a 9ª arte.** São Paulo: Devir, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Angela et al. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2006.

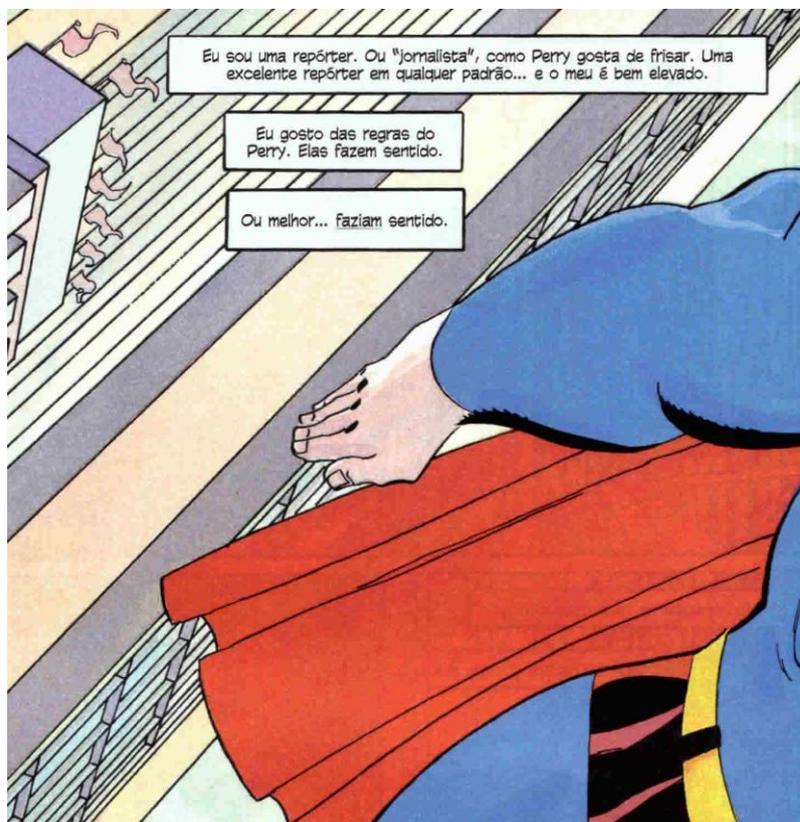
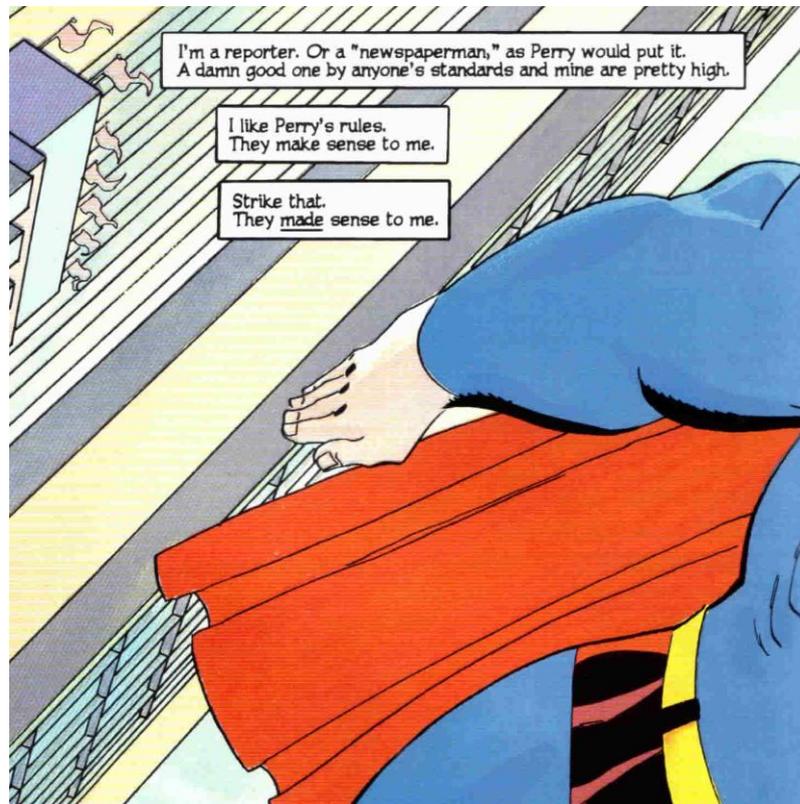
APÊNDICE – IMAGENS

Aqui são apresentadas as imagens relativas aos exemplos analisados no Capítulo 2. A primeira imagem do par é sempre a do original em inglês; a segunda, da tradução.

• Exemplo 1



● Exemplo 2



• Exemplo 3



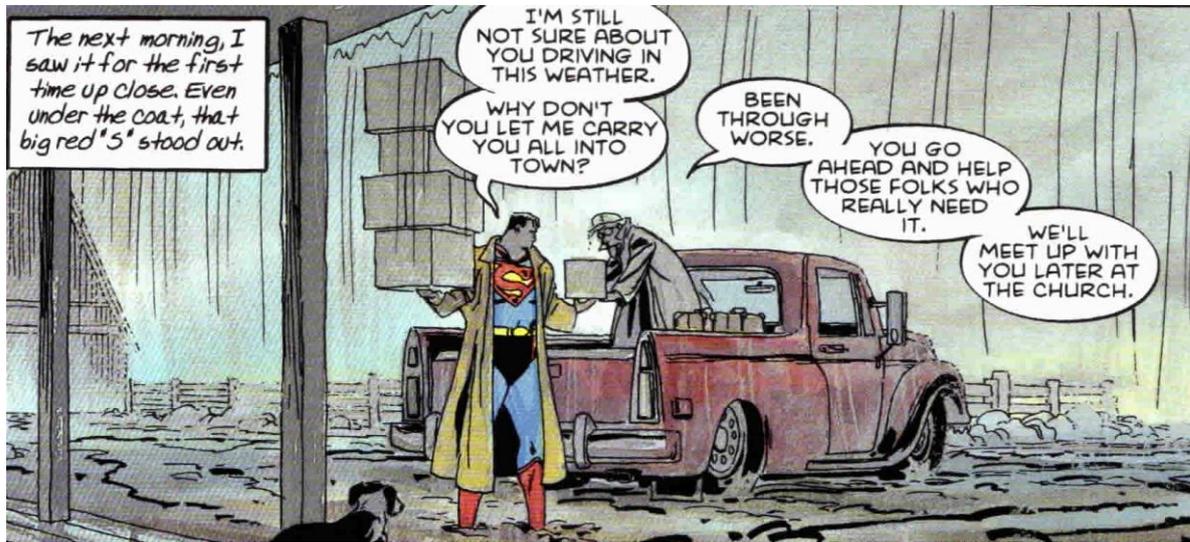
• Exemplo 4



• Exemplo 5



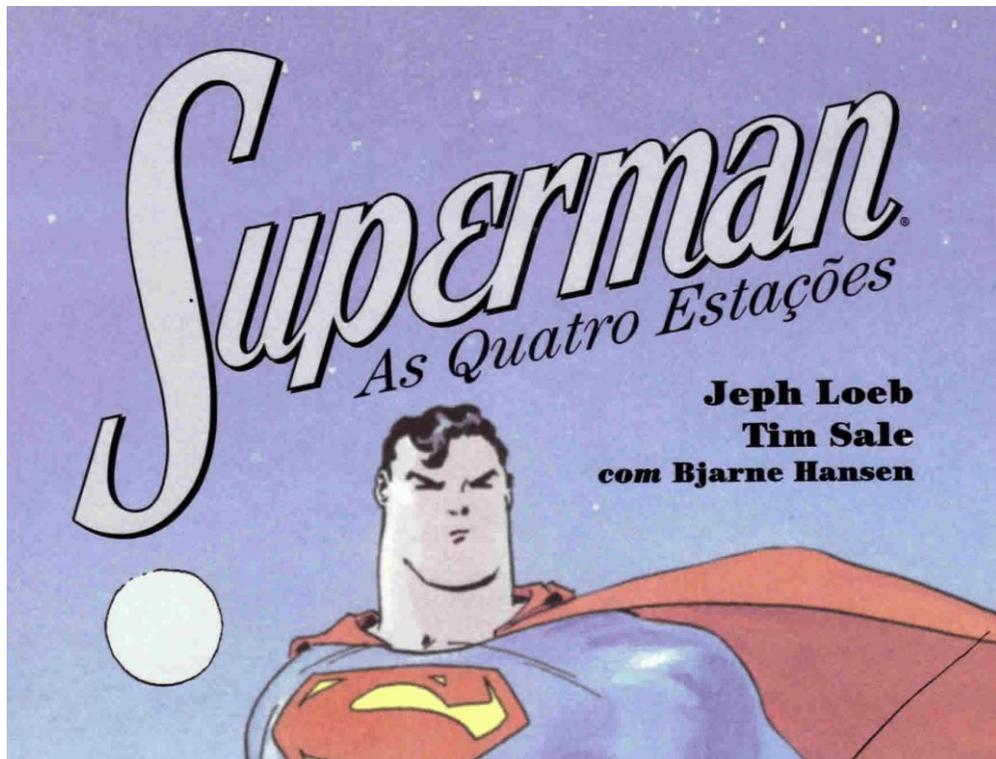
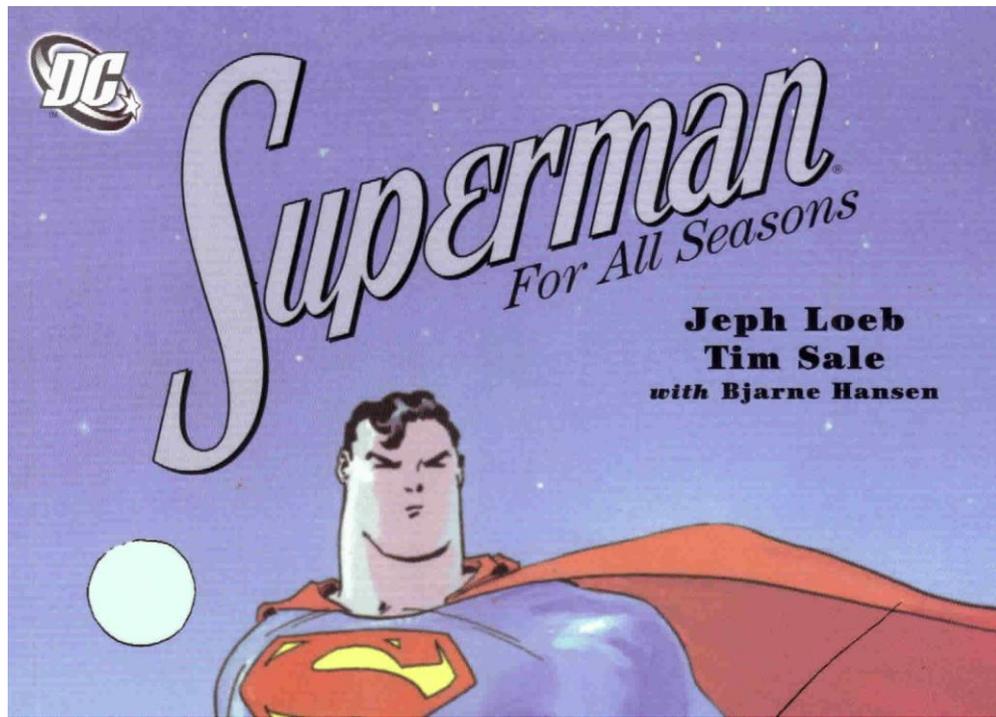
• Exemplo 6



• Exemplo 7



• Exemplo 8

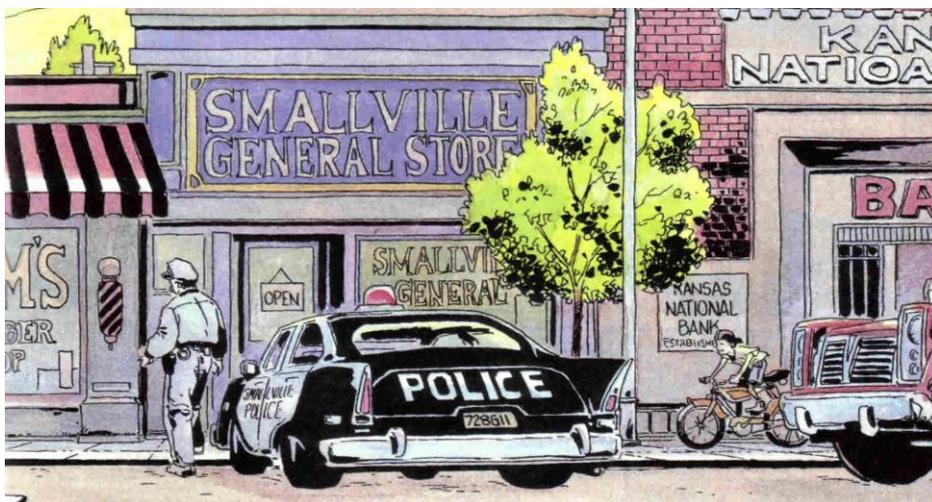
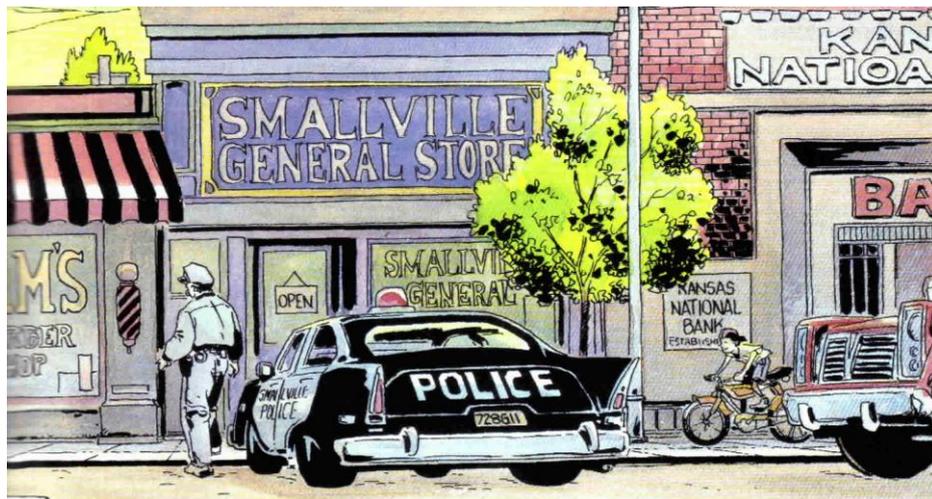


- Exemplo 9

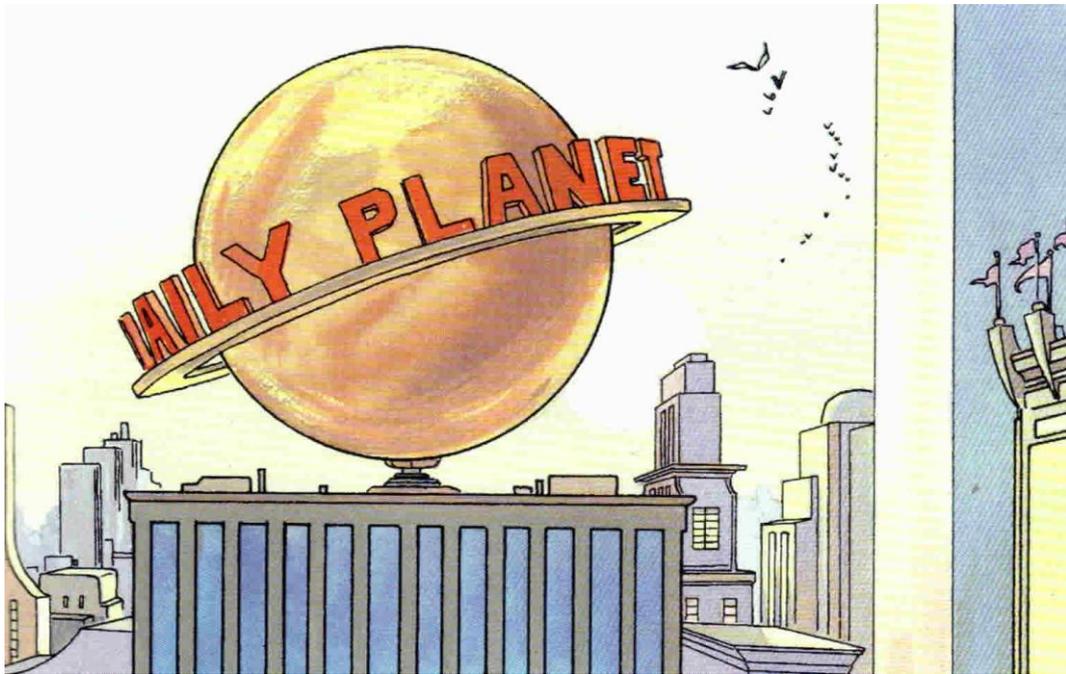
*Before the legend...
Before the icon...
Before the Man of Tomorrow...*

*Antes da lenda...
Antes do ícone...
Antes do Homem de Aço...*

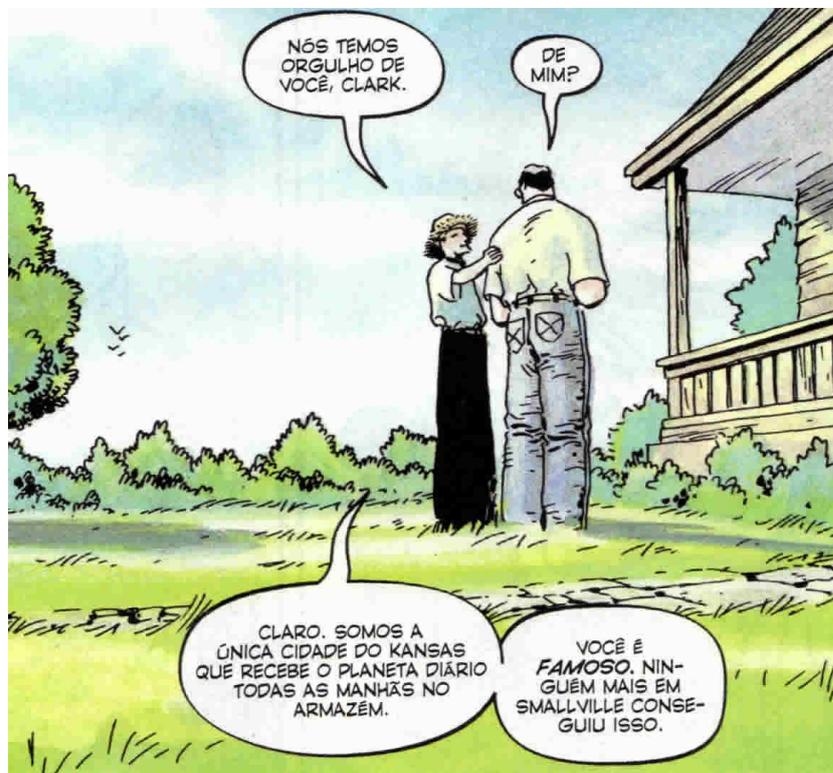
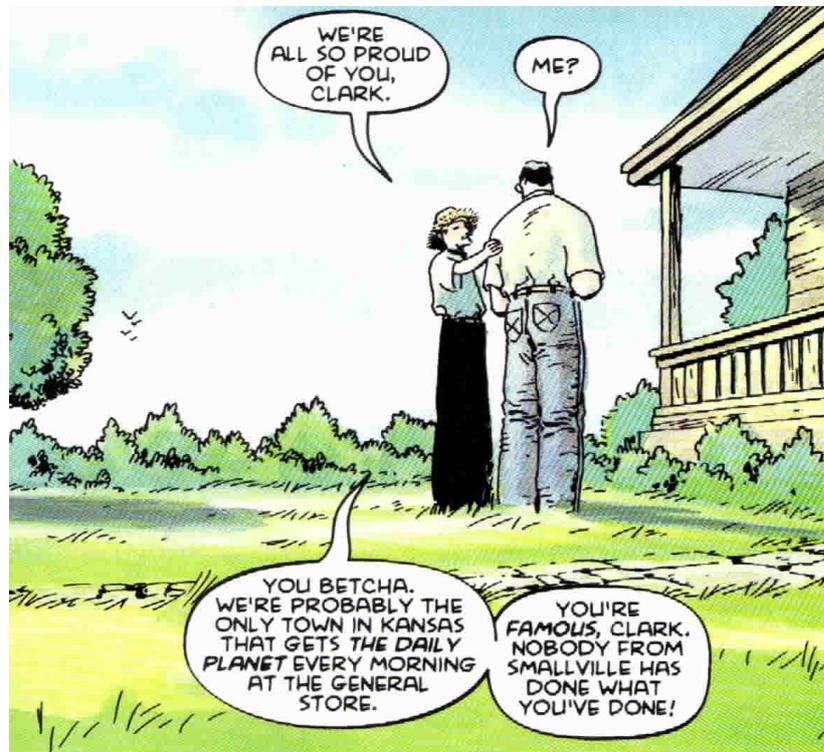
- Exemplo 10 (a)



• Exemplo 10 (b)



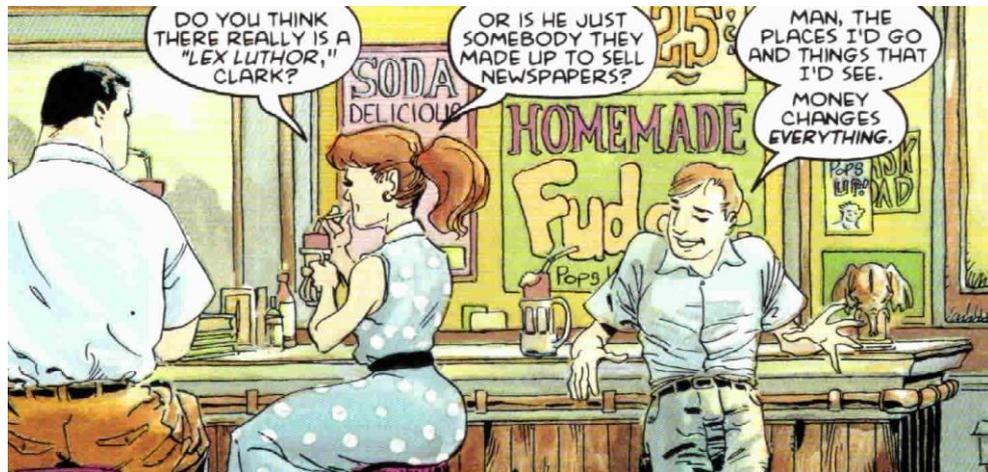
• Exemplo 10 (c)



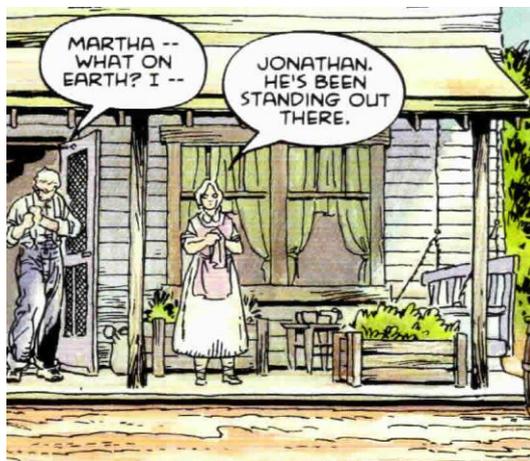
- Exemplo 10 (d)



• Exemplo 11 (a)



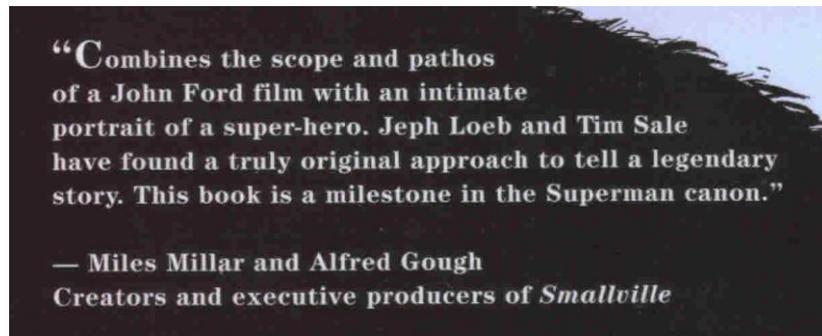
• Exemplo 11 (b)



• Exemplo 11 (c)



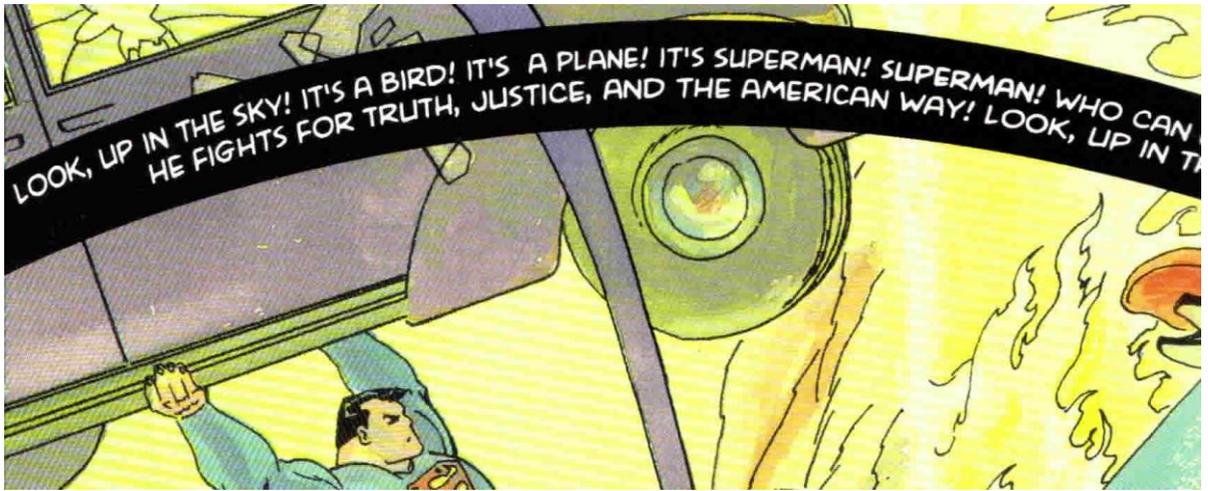
- Exemplo 12



- Exemplo 13



• Exemplo 14



• Exemplo 15 (a)



• Exemplo 15 (b)



• Exemplo 15 (c)

